

DA EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS

Artigo completo-Partes 1 e 2



Em 1940 (de 23 de Junho a 2 de Dezembro) realizou-se em Portugal aquela que foi provavelmente a maior e mais dispendiosa operação de propaganda do Estado Novo: *A Exposição do Mundo Português*.

A iniciativa acabou por constituir uma frustração para o regime, dado que, entretanto, na fase final do projecto, eclodiu a 2ª Grande Guerra Mundial, na sequência da invasão da Polónia pelas tropas hitlerianas.

Entretanto em Maio seguinte, a França rendeu-se aos exércitos alemães e outros países europeus foram sendo invadidos. Só a Grã-Bretanha manteve a resistência.

A Península Ibérica, teoricamente neutral, (embora os regimes de Salazar e de Franco vissem com bons olhos a causa de Berlim), encontrava-se isolada do resto da Europa.

Não circulavam pessoas nem bens pela fronteira dos Pirenéus.

Portugal era uma porta aberta para a América, e a Lisboa acorriam refugiados e espões do Eixo e dos Aliados.

A construção da gigantesca Exposição do Mundo Português exigia um número de visitantes estrangeiros que a situação de guerra acabou por impossibilitar, daí o seu fracasso e o respectivo encerramento ao fim de um período de tempo muito inferior ao previsto, sendo que os visitantes foram quase só portugueses.

De todo o aparato cénico, chegaram aos nossos dias dois ou três pavilhões implantados à beira-Tejo. Parte dessas instalações alberga o Museu de Arte Popular.

Da Ideia da Exposição

A ideia da Exposição foi do então embaixador de Portugal em Bruxelas, Alberto de Oliveira, o qual, em 1929, publicou um artigo no *Diário de Notícias* a que foi dado grande destaque, no qual chamava a atenção para a coincidência de duas datas importantes da História de Portugal que se comemoravam em 1940

(Fundação da Nacionalidade e Restauração da Independência) e propunha que os onze anos seguintes a partir de então, fossem aproveitados para preparar condignamente essas festividades.

Resta acrescentar que Oliveira, embora nomeado para presidir à Comissão Oficial, veio a falecer em Abril de 1940, não tendo, portanto, assistido à inauguração da Exposição, que teve lugar em 23 de Junho e encerrou as portas em 2 de Dezembro.

A partir da publicação do artigo, só nove anos passados é que Salazar aparentemente deu atenção à proposta do evento, preocupado que andava com a consolidação do regime «construído» à sua imagem.

O ano de 1940 foi áureo para o nacional-socialismo alemão (embriagados que andavam os nazis pelas suas vitórias), bem assim para os demais regimes de ditaduras na Europa, caso de Itália (fascismo), Espanha (franquismo) e naturalmente para Portugal (salazarismo), por exemplo.

É neste ambiente de terror provocado pela guerra, mas também de uma grande euforia, que devemos enquadrar a realização desse imenso esforço que foram as Comemorações dos Centenários.

O regime não se poupou a despesas, nem se esqueceram pormenores como a "repressão" da mendicância ou a "limpeza das casas e das ruas".

Para dar apoio à Exposição foi montada uma pensão popular para 550 pessoas onde os hóspedes podiam tomar 3 refeições diárias e mais a dormida em quartos para mais do que uma pessoa a 13\$00, além de quartos individuais a 15\$00.

Os estrangeiros que se deslocaram à Exposição, foi por se encontrarem em trânsito por Lisboa, nomeadamente refugiados de guerra.

Um desses estrangeiros que por aqui passou foi A. de Saint-Exupéry, a caminho dos EUA, para quem Lisboa surgiu "como uma espécie de paraíso claro e triste". (Medina, João, *História Contemporânea de Portugal*, Lx.1988, Tomo I, pg.154).

Segundo Exupéry, "Portugal tentava acreditar na felicidade".

A Exposição representou na época, uma das mais fantásticas campanhas de Obras Públicas, que atenuou a grave crise de desemprego que até então se vivia. Em paralelo, acompanhando o acontecimento, entre 31 de Janeiro de 1939 e Dezembro de 1940 foi publicada a Revista dos Centenários, publicitando o andamento da exposição e as obras a propósito que foram sendo realizadas por todo o país, como a restauração de castelo (Santarém, Silves, etc.), e outros monumentos, construção de pontes, estradas, inauguração de estátuas e

edifícios, em particular nas capitais de distrito, congressos, exposições, festividades várias e por aí fora.

Em vésperas das comemorações centenárias, todas as obras foram nelas integradas, sobretudo as que se previam para a região de Lisboa, muito embora a maioria delas não estivesse pronta à data da inauguração do certame.

Exemplos deste programa de Obras Públicas: - edifícios da gare marítima de Alcântara, marina de Belém, ou os do aeroporto da Portela, da estrada marginal Lisboa/Cascais, das estradas de Monsanto entre outras, que pretendiam dar outra imagem das zonas marítimas e ribeirinhas da capital.

A Exposição foi cuidadosamente preparada em termos ideológicos por António Ferro, director do SNI - Secretariado de Propaganda Nacional, a quem tinha sido dado o cargo de Secretário da Comissão Nacional dos Centenários.

Ferro, rodeou-se de alguns dos maiores artistas portugueses de então (arquitectos, pintores, escultores, engenheiros, etc.) com quem, desde 1939 trabalhou no estudo pormenorizado da Exposição.

Este foi o ponto culminante na carreira política de António Ferro, defensor de Salazar e admirador de Mussolini.

A obra de maior carga simbólica foi sem dúvida o Padrão dos Descobrimentos, significativamente penetrando na água. Concebido em madeira, estafe, gesso e outros materiais provisórios, acabou mais tarde por ser reproduzido em pedra como hoje o podemos ver.

Obra de Cottinelli Telmo (arquitecto) e de Leopoldo de Almeida (escultor), quando do ciclone que assolou o país em 15 de Fevereiro de 1941, que deixou um rasto de destruição e um elevado número de mortos, no fragor do temporal Lisboa assistiu à "fuga" do Infante D. Henrique capitaneando o restante monumento escultórico a navegar nas águas do Tejo rumo à barra, onde acabou por ser apanhado.

Dos restantes núcleos, o das aldeias portuguesas era entendido como a "síntese deliciosa de toda a paisagem portuguesa cheia de ternura e de idealismo, de pitoresco e de unidade de espírito". (*Mundo Português-Imagens de uma Exposição*).

De salientar igualmente, os pavilhões da secção Colonial, onde se fazia um resumo pela imagem do mundo colonial português, através de uma reconstrução etnográfica, pela sugestão da paisagem e da raça. Nesta secção houve o cuidado de preservar tanto quanto possível a flora ultramarina existente nos territórios africanos e asiáticos portugueses. Igualmente se encontravam as Missões, com recreação de aldeias indígenas, que foram decoradas com indígenas vindos

directamente para o evento. No decorrer do acontecimento fez bastante frio e algumas dessas criaturas passaram bastante mal, uma vez que trajavam uns parcos trapos como nas suas aldeias de origem.

Dos Pavilhões

Os pavilhões mais importantes encontravam-se na zona central da Exposição.

Várias soluções foram ensaiadas nos edifícios aí construídos, porém, a predominância foi dada aos dois grandes Pavilhões dos portugueses no Mundo e da Honra e o de Lisboa. Estes constituíam, de facto, os elementos morfológicos chave para a compreensão de toda a concepção da Exposição.

Foram de facto os únicos pavilhões com dimensões verdadeiramente significativas em termos urbanos, com comprimento praticamente idêntico ao Mosteiro dos Jerónimos, que estruturaram dois dos lados da Praça do Império com a sua fonte monumental em torno da qual se articulava toda a Exposição.

Foi da responsabilidade de Cottinelli Telmo o plano geral e a coordenação de todo o projecto, reservando para si mesmo a execução do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, da Porta da Fundação e do Padrão dos Descobrimentos como acima referido, tendo sido ainda o autor da Praça do Império e da Fonte Monumental que ainda hoje ali existem.

Na elaboração dos restantes edifícios colaboraram quase todos os mais importantes arquitectos em actividade na zona de Lisboa, como Raúl Lino, Cassiano Branco, João Simões, Veloso Reis Camelo, Pardal Monteiro, Keil do Amaral, Carlos Ramos, Jorge Segurado, Vasco de Moraes Palmeiro, António Lino, Gonçalo de Mello Breyner, José Bastos, Raul Rodrigues Lima ...

Da Exposição de Propaganda Histórica

De estrutura marcadamente ideológica, sobressaiam os temas da fundação, a conquista, a independência, os descobrimentos, a colonização e o império, todos eles com direito a pavilhão ou a monumento comemorativo.

Assinalou-se o percurso da história nacional, os marcos que foram considerados mais importantes pelos feitos heroicos, sem se questionarem as razões que estiveram na sua origem. Desta forma, a história foi encarada como uma sucessão de actos isolados e todos eles baseados na exaltação do conceito da Pátria, um pouco à semelhança das ditaduras europeias de então.

A este propósito recorde-se a afirmação de Salazar: "O Estado pode e deve definir a verdade nacional, quer dizer, a verdade que convém à Nação" (Decreto nº21103 de 7 de Abril de 1932).

Desde o início de 1939, o responsável pela coordenação dos estudos foi Cottinelli Telmo, nomeado arquitecto-chefe da exposição, com ele ficando a trabalhar directamente, os arquitectos António Lino e Paulo Cunha.

O objectivo da Exposição, segundo Salazar, era aproveitar o melhor possível a coincidência dos oitocentos anos da formação de Portugal (1140) e dos trezentos anos da Restauração da Independência (1940) para uma comemoração vincadamente nacionalista que realçasse o próprio regime de Salazar, lhe buscasse raízes no passado heroico e lhe propusesse um futuro tão ou mais heroico.

Da Arquitectura Nacionalista

O resultado destas preocupações nacionalistas foi, em termos arquitectónicos, bastante ambíguo, com um misto de soluções mais arcaizantes e mesmo com "uma certa propensão para a necrofilia" que já estava patente na escolha dos próprios temas e nas propostas dos monumentos.

Esta Exposição marca uma data muito importante na evolução do regime salazarista que tivemos. Representa um grande esforço da ditadura. Foram muitos metros quadrados de pavilhões alegóricos para "ornamentação" dos quais se chegaram a trazer populações nativas que ali figuravam como outro qualquer objecto de adorno...

Este certame ocupou uma vasta área e toda a sua concepção se assumiu claramente como uma arquitectura de "publicidade" e de "cartaz".

De realçar a extraordinária rapidez com que a Exposição foi montada. Foram cerca de 17 meses, recorrendo-se a uma programação bastante rigorosa e a uma tecnologia expedita de estruturas de madeira, metálicas e paredes de estafe.

Os pavilhões foram, pois, construídos com materiais perecíveis e o seu desmantelamento foi quase totalmente provocado pelo ciclone de 1941, ou seja, mais de um ano após o fim da Exposição. De todo este complexo de edifícios, pouco chegou aos dias de hoje, como os pavilhões mais próximos do rio, e com carácter mais definitivo, o restaurante e o actual Museu de Arte Popular.

No mesmo local, foi feito em pedra, o Padrão dos Descobrimentos que Cottinelli Telmo e Leopoldo de Almeida ali tinham erguido.

O local da Exposição foi da escolha de Duarte Pacheco que optou pela criação de uma grande praça em frente aos Jerónimos, como centro do evento. Foi assim que nasceu a Praça do Império.

Em torno da Praça do Império, dividia-se a Exposição em quatro grandes núcleos. O da exposição histórica propriamente dita, que ocupava toda a zona central e que tinha por limite norte os Jerónimos e se prolongava até ao Tejo e, com uma certa autonomia, o núcleo das aldeias portuguesas, quase escondido por detrás do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, nos terrenos onde actualmente se encontra o Centro Cultural de Belém, e o núcleo da secção colonial, nos terrenos do actual Jardim do Ultramar. Já relativamente marginal, situava-se o chamado Parque de Diversões, cujo acesso era feito pelo sitio onde actualmente existe o Museu de Marinha.

A única representação estrangeira do conjunto era o edifício do Pavilhão do Brasil, cujos interiores da autoria do arqtº. Roberto Lacombe tiveram a sua construção em Portugal orientada pelo arqtº. Flávio Barbosa.

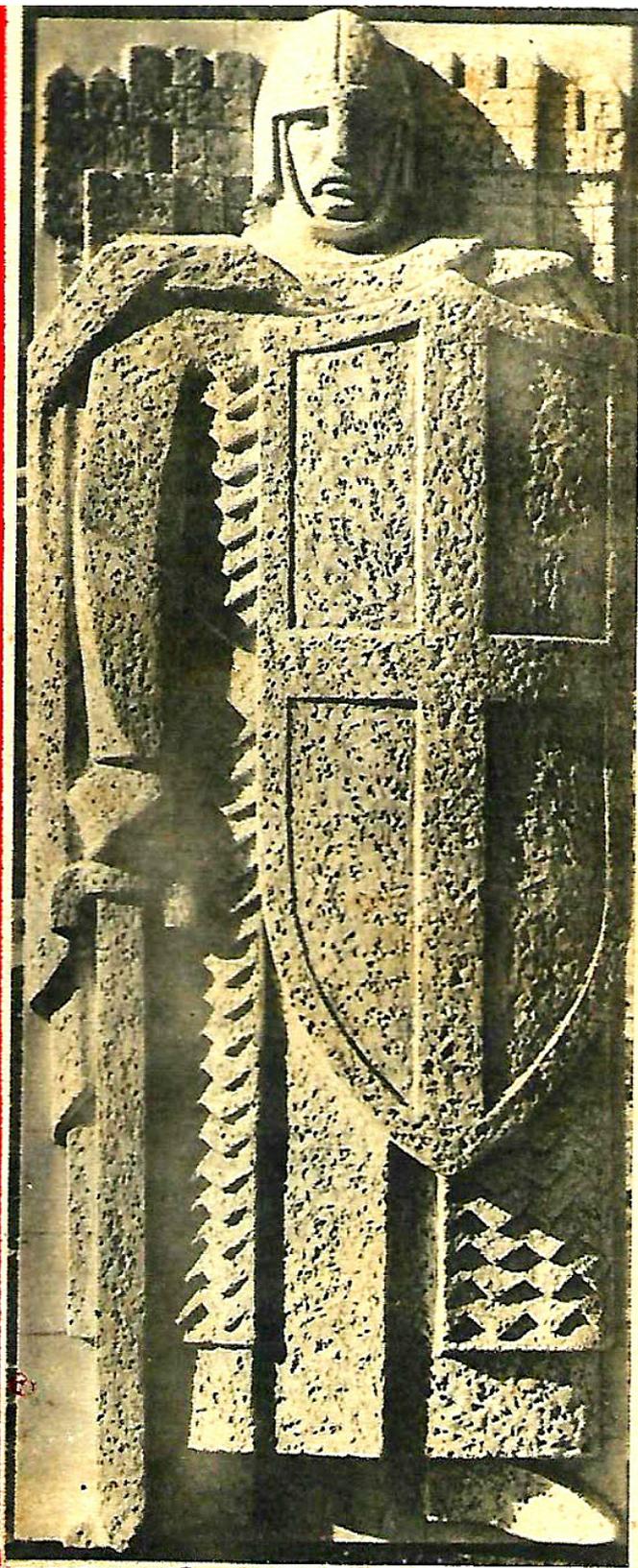
Discutida foi a questão da relação ideológica artista/obra, reconhecendo-se por vezes não haver ligação ideológica entre autor e obra produzida, criticados por não se encontrarem cem por cento afectos ao regime alguns deles, ao que António Ferro respondeu perguntando: "Quem vai hoje fazer um inquérito sobre as opiniões políticas dos operários, dos arquitectos, dos pintores, dos escultores que construíram a Exposição do Mundo Português? A obra no seu conjunto foi uma obra nacional. Mais ainda, nacionalista". (Medina, João, *História Contemporânea de Portugal*, vol. II, pg. 296).

As Aldeias Portuguesas da responsabilidade do Secretariado de Propaganda Nacional, procuravam ter uma visão do conjunto de Portugal do seu ruralismo, dos seus intimismos serranos, das suas praias e ribas de paisagem, de águas, dos seus montes e das suas planícies, da sua gente, do seu povo, da sua maneira de ser, de sentir, de viver.

Se os núcleos das aldeias portuguesas se basearam numa gramática formal facilmente referenciável e onde a encenação se sobrepôs por completo a qualquer concepção ou ideia de arquitectura, nos pavilhões principais encontravam-se desde algumas formas modernas, à utilização dos mais arcaicos e conservadores simbolismos de raiz histórica.

Na Exposição do Mundo Português trabalharam 5000 operários, 15 engenheiros, 17 arquitectos, 43 pintores-decoradores, 129 auxiliares, mais de 1000 modeladores-estucadores, sob a direcção de 7 chefes.

EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS



EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS

GUIA OFICIAL